

**AS BEM AVENTURANÇAS: MT 5,1-12**José Luiz Izidoro^p**RESUMO**

As Bem Aventuranças em Mateus oferecem à comunidade receptora a possibilidade de viver a plenitude do projeto de Jesus Cristo, onde, a partir do seu contexto histórico-humano pode-se viver as virtudes do Evangelho. A felicidade consiste, então, em acreditar na promessa de ser consolado, de receber por herança a terra, de ser saciado, de alcançar a misericórdia, de ver a Deus e de ser chamados filhos de Deus. Essa esperança escatológica é parte inerente do presente, pois a promessa do “Reino dos Céus” para eles se realiza no “hoje da comunidade”, apesar das perseguições e das calúnias experimentadas. Portanto, as Bem Aventuranças, no Sermão da Montanha, se apresenta como um catálogo de virtudes aos “sujeitos” pobres e despossuídos, humildes e que choram, que tem fome e sede de justiça, que são perseguidos e que são pacificadores. As virtudes se constituem como bem aventuranças ou felicidade, e a promessa é o reino dos céus, a consolação, a terra e a justiça.

Palavras-chave: Bem aventuranças. Sermão da montanha. Felicidade. Misericórdia. Justiça.

INTRODUÇÃO E POSSÍVEL CONTEXTO DAS BEM AVENTURANÇAS EM MATEUS

Para compreender, um pouco melhor, o horizonte histórico e teológico das Bem Aventuranças em Mateus faz-se necessário observar sua localização em um marco mais amplo do próprio Evangelho.

Alguns dados relevantes para uma melhor compreensão residem no “lugar” onde, possivelmente estaria sendo escrito o Evangelho de Mateus. Não é um fator extremamente determinante, porém nos ajudam a perceber, com mais

^p Doutor e pós doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Docente de Filosofia, Teologia e Antropologia no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: jeso_nuap@hotmail.com

lucidez as características marcantes, que estão presentes nos personagens ou sujeitos das Bem Aventuranças.

Segundo Ulrich Luz (*El Evangelio Segun San Mateo*, 1993), Antioquia não é a pior hipótese para determinar o lugar dos escritos do evangelho de Mateus. Pode-se demonstrar que Ignácio de Antioquia utilizou ali o evangelho de Mateus pouco depois do ano 100. Também se pode compreender em Antioquia as possíveis afinidades com a primeira Carta de Pedro. O evangelho de Mateus procede, pois, talvez de uma comunidade antioquenha. *Warren Carter* nos oferece algumas pistas históricas do cenário, onde possivelmente se escreveu o Evangelho de Mateus (CARTER, 2002, p. 47). Trata-se do espaço social, político, econômico e religioso dos destinatários, ou, segundo as palavras do próprio autor, “a audiência de Mateus”

Para Carter, “existem boas razões para pensar que o Evangelho de Mateus foi escrito na cidade de Antioquia, na província romana de Síria, nas últimas duas décadas do primeiro século”, fundada, aproximadamente no ano 300 a.C. por Seleuco I (CARTER, 2002, p. 34). Segundo Carter, Antioquia, sendo a capital da província romana da Síria com

uma população estimada entre 150.000 e 200.000 habitantes, (sendo que entre 5 a 10 por cento da população controlava a vida da cidade para a sua própria vantagem, e a não-elite, compreendendo um leque desde os indigentes até os um pouco ricos, que serviam as necessidades da elite), se mantinha coerente com a prática romana e era o ponto de convergência para várias rotas comerciais principais (CARTER, 2002, p. 37-38).

Comentaremos um pouco mais a respeito da vida social e econômica de Antioquia da Síria. A terra se constituía com uma das fontes principais da renda dos que as possuíam em grande quantidade. Carter afirma que

notáveis eram os grandes latifundiários, cuja riqueza provinha de seu controle sobre a terra e matérias-primas. Enquanto alguns ricos consideravam o comércio como inferior e via a riqueza proveniente das terras como preferível, o comércio, no entanto, parece ter proporcionado uma fonte subsidiária de renda. Alguns comerciantes sem terras podiam alcançar uma riqueza considerável, mas muitas vezes careciam de poder social ou político (CARTER, 2002, p. 39).



Nota-se que a terra, definida como fonte de ingresso, através da especulação e acumulação, garantia o poder social, econômico e político para os que as possuíam, numa sociedade, como vimos anteriormente, altamente desigual, hierárquica, vertical e hostil a não elite. Assim,

A elite cidadina controlava a terra e as aldeias rurais circundantes, e obtinha riqueza, lucrava mediante práticas econômicas predatórias ou tributarias, isto é, alugueis (para o uso da terra), juros sobre empréstimos, penhora e impostos (sobre vendas, gados, produtos). Além dessas exigências urbanas, os camponeses também tinham de suprir as necessidades familiares, prover uma reserva e adquirir sementes para o cultivo do próximo ano (CARTER, 2002, p. 45).

Apesar da luxúria exacerbada vivida pela elite, de suas imponentes residências e de seus *templos, àgoras e coliseus*, Antioquia também apresentava outra fisionomia contrastante com a primeira. Isto é, as condições de vida não era a mesma para os pobres e miseráveis. Carter, citando a Rodney Stark (*Urban Chaos and Crisis*) apresenta um quadro sumarizado da vida em Antioquia:

Todo quadro preciso de Antioquia na época do Novo Testamento deve descrever uma cidade cheia de miséria, perigo, medo, desespero e ódio. Antioquia era uma cidade onde a família comum vivia uma vida pobre e sórdida em quartos apertados e sujos, onde pelo menos a metade das crianças morria no nascimento ou durante a infância, e onde a maioria das crianças que sobreviveram perderam ao menos um dos genitores antes de alcançar a maturidade. A cidade estava cheia de ódio e medo surgidos nos intensos antagonismos étnicos e exacerbados por um constante fluxo de estrangeiros. E, talvez acima de tudo, Antioquia tenha sido repetidamente esmagada por catástrofes cataclísmicas (CARTER, 2002, p. 47).

Entre essa realidade de Antioquia da Síria se situa a audiência à qual se dirigiu o evangelho de Mateus, e possivelmente onde também poderia ser gestado o próprio evangelho. Considerando os “sujeitos” das Bem Aventuranças, poderíamos inferir proposições ou afirmações que se tratasse dos “sujeitos marginalizados” do contexto social, econômico e político de Antioquia. Porém, isto não seria verdadeiro para todo o Evangelho de Mateus. Contudo, resta saber se a audiência de Mateus estava constituída predominantemente por grupos marginais involuntários ou também se contava com a presença de outros extratos sociais. Carter sugere que “o Evangelho legitima uma identidade e estilo de vida marginais para a comunidade de discípulo” (CARTER, 2002, p. 34)., porém há de se compreender o que significa falar de ‘marginais’, e cita a Robert E. Park (1928)

e E. V. Stonequist (1937): “apresentamos a marginalidade como a experiência de viver simultaneamente em dois mundos culturais antagônicos diferentes, sem pertencer completamente a nenhum deles. Estes mundos culturais podem consistir em ‘tradições históricas, linguagens, fidelidades políticas, códigos morais ou religiões” (CARTER, 2002, p. 72). Segundo Carter, a audiência de Mateus era numericamente pequena, “além de ser uma amostra de sua sociedade (a antiga opinião de que as comunidades do cristianismo primitivo eram constituídas quase exclusivamente de miseráveis sociais e econômicos não parece sustentável), era uma comunidade minoritária dentro da sociedade dominante maior” (CARTER, 2002, p. 50).

As Bem Aventuranças, no Sermão da Montanha, se apresenta como um catálogo de virtudes aos “sujeitos” pobres e despossuídos, humildes e que choram, que tem fome e sede de justiça, que são perseguidos e pacificadores. As virtudes se constituem como bem aventuranças ou felicidade, e a promessa é o reino dos céus, a consolação, a terra, a justiça, a misericórdia, e serão chamados filhos de Deus.

O SERMÃO DA MONTANHA

O Sermão da Montanha se constitui como um dos grandes blocos discursivo de Jesus (5,1-7,29). Muito se assemelha com o Sermão da Planície de Lucas 6, 20-49, porém mantendo muitos elementos que se distinguem entre si.

Para alguns autores, como Daniel J. Harrington,

Mateus juntou ditos tradicionais e os expressou em uma epítome do ensinamento de Jesus, com a seguinte estrutura: ‘A parte introdutória (5,1-20) descreve os que são felizes (5,3-12), o papel dos discípulos (5,13-16) e o papel de Jesus (5,17-19). A segunda parte principal (5,21-48) contrasta a santidade ou a justiça dos especialistas, na interpretação veterotestamentária (os escribas), e a santidade ou justiça ensinada por Jesus. A terceira parte (6,1-18) adverte contra a santidade puramente exterior, cultivada por grupos como o dos fariseus, e a quarta parte (6,19-7,29) dá mais conselhos aos cristãos em sua busca da santidade (BERGANT; KARRIS, 1999, p. 17).

A montanha é, presumivelmente, o lugar, por excelência da revelação de Deus. É parte da tradição veterotestamentária. Possivelmente se trata de uma



montanha na Galileia, cujos destinatários são os discípulos e a multidão (Mt 5,1; 7,28), isto é, um público que supera o círculo íntimo dos seguidores de Jesus. Isto é comprovado se observamos os versículos anteriores da perícopa do início da missão de Jesus e o chamado aos discípulos (Mt 4,17-22), que evoca a uma ampla geografia, multidões e pedagogia (Mt 4,23-25) de Jesus. Ulrich afirma que “a montanha é em Mateus lugar de oração (Mt 14, 23), de cura (Mt 15, 29), de revelação (Mt 17,1; 28,16) e de ensino (Mt 24,3)” (LUZ, 1993, p. 276). O sermão da montanha tem, pois, em certo modo dois círculos concêntricos de ouvintes: os discípulos e o povo. O sermão da montanha é uma ética para discípulos, porém esta é válida também para o povo que escuta.”

Existem muitas especulações a respeito do conteúdo do Sermão da Montanha, porém, trata-se de ensinamentos (Mt 5,2; 7,29) e doutrinas (7,28), na perspectiva do *querigma* e da *didaquê*, talvez como “princípios de ética cristã, conselhos de perfeição, ensinamentos como diretrizes de Jesus, exigências fundamentais de Jesus ao discipulado, que pressupõem a experiência pessoal de Jesus e a Boa Nova do Reino que está próximo (Mt 4,17)” (BERGANT; KARRIS, 1999, p. 17), evocando assim sua autoridade em completo contraste com os ensinamentos dos escribas (Mt 7,29); ou também, segundo Ulrich, o sentido do sermão da montanha em Mateus está a partir dos seguintes elementos:

Mateus aponta à práxis cristã; o evangelho das obras é expressão da graça, isto é, o sermão da montanha é uma exigência, um imperativo; o sermão da montanha conjuga o preceito central do amor com outras exigências exemplares de Jesus; o sermão da montanha é uma ética para os discípulos; o sermão da montanha afeta todo o mundo através da pregação dos discípulos; o sermão da montanha conduz ao cumprimento da lei e os profetas e, finalmente, o sermão da montanha formula as exigências de admissão no reino dos céus (LUZ, 1993, p. 263-266).

FONTES E PARALELOS

Apresentaremos aqui algumas dificuldades de fontes na constituição dos “ditos” do Sermão da Montanha em Mateus e também alguns paralelos que supõem o uso dos ditos das bem aventuranças em outros espaços.

Segundo Betz (1984, p. 18) pode-se tocar, pelo menos de ‘passagem’ essas dificuldades:

1. A porção **Q** do Sermão da Montanha concorda apenas (aproximadamente) com seu paralelo em Lucas; tanto que se assume que Mateus teria outra versão de **Q** a sua disposição, ou que ele, em si mesmo modificaria os termos de **Q** para os detalhes do momento. Porém aí remonta um problema, em que não seria possível explicar todas as modificações no terreno filológico ou na base da teologia de Mateus.

2. A origem do material que vai mais além de **Q** remonta a um problema. Com isto se torna possível designar (como suspeita) ‘se todos os materiais do Sermão da Montanha seja uma criação de Mateus.’

3. Como um dito, a interpretação e redação-histórica prevê um reconhecimento que o Sermão da Montanha contém uma teologia que é independente de Mateus e diferente nos pontos característicos.

Em grande parte, por essa razão, Betz desenvolveu a hipótese de que no Sermão da Montanha em Mateus está uma fonte que foi transmitida intacta e integrada pelo evangelista na composição de seu Evangelho. Mas essa fonte não foi simplesmente derivado de Jesus Histórico, no senso de que Jesus seja o autor de todos os ditos e sua presente forma e contexto. O autor suspeita que, o Sermão da Montanha representa uma composição pré-mateana de uma natureza redacional. Deste modo os métodos da crítica da forma e da redação está para ser, com mais detalhes, empregado; isto é, apenas que ele não seria aplicado para o Evangelho como um todo, mas apenas para a seção Mt 5, 3-7,27.”

Ainda, tratando-se das possíveis fontes que estariam anterior aos ditos das bem-aventuranças Betz aponta para muitas

conseqüências metodológicas traçadas para a posição que a comunidade ocupava no tempo do judaísmo contemporâneo e do primeiro cristianismo. Aqueles textos comparativos posicionados muito próximo literalmente ao Sermão da Montanha, numa primeira estância, pertencem à tradição da sabedoria judaica (BETZ, 1984, p. 22).

Citando a Pirke Abot, Betz diz que, o “comentário ‘Abot de Rabbi Natan e o chamado Manual da Disciplina de Qunrran’, estes são formalmente relatados, apesar que eles derivam de outros movimentos judaicos. É de muito interesse que o Sermão da Montanha seja parte do Judaísmo Helenístico com abertura a



direção de temas e materiais da Filosofia popular Helenística” (BETZ, 1984, p. 22).

As bem-aventuranças, dentro do bloco mais amplo do “Sermão da Montanha”, poderia desenvolver-se a partir de varias tradições e fontes, de acordo com os autores mencionados, que não seriam somente as fontes bíblicas, mas também extra bíblicas. Além da suspeita, acima mencionada, levantada por Betz, também participam do debates outros autores, como é o caso de David Flusser, que analisa os textos das bem aventuranças de Mateus na perspectiva da comunidade de Qumran:

Se analisamos Mt 5, 3-5 à luz dos pergaminhos, fica claro que quase todo o material bíblico e exegético encontrado nas três primeiras Bem Aventuranças do Sermão da Montanha pode ter analogia na literatura sectária. Jesus chega a chamar os bem-aventurados de ‘pobres de espírito’, título com que a comunidade de pobres de Qumran se designava. Tanto Jesus como a seita viam nos ‘mansos’ que herdarão a terra de Sl 37, 11 o grupo escatológico de pobres ao qual será concedida a benção eterna (FLUSSER, 2000, p. 128).

Inclusive, alguns autores, como é o caso de Ulrich extrapola a possibilidade de fontes extra bíblica para todo o evangelho de Mateus: “O evangelho de Mateus deixa entrever, pois, a existência de grupos judeocristãos, as vezes grupos de letrados, que se ocupam de Q, do evangelho de Marcos, de outras tradições jesuáticas e da bíblia e afinidades de linguagem com o judaísmo rabínico contemporâneo” (LUZ, 1993, p. 85). Nesse mesmo horizonte de compreensão das possíveis fontes Ulrich se aproxima das bem aventuranças de Mateus dizendo que “o sermão da montanha é uma composição efetuada pelo evangelista Mateus, pressupondo que a fonte dos ‘logias’ subjaze nele”, e seguindo a estrutura de Lucas 6, 20-49 (discurso da planície), contudo, mantendo diferenciações a respeito de sua construção (LUZ, 1993, p. 261). Ulrich diz que “há muitas variantes entre os textos *MtQ* e de *LcQ*: *Mt* introduz um material diferente no discurso da montanha, que procede de outras secções de *Q*, com os textos as vezes justapostos ou em igual ordem. No caso de *Mt 5, 21-6,18*, o autor parece ter tido como base um escrito fontal de 3 antíteses e 3 normas de espiritualidade, e aumentou a este texto o material tomado de *Q*” (LUZ, 1993, p. 262). Assim, pode-se dizer que Mateus não redatou o sermão da montanha

simplesmente como um escritor livre, mas considerou e se guiou pela linguagem e pela vida de sua comunidade.

Assim também encontramos paralelos datados posteriormente à composição da obra mateana. Encontramos menções aos ditos das bem-aventuranças no Evangelho de Tomé. Tomé 54: “Jesus disse: ‘Felizes os pobres, pois de vocês é o reino de Deus’”; Tome 68: “Jesus disse: ‘Felizes são vocês quando são odiados e perseguidos, e nenhum lugar se encontrará onde quer que tenham sido perseguidos’”; Tomé 69: “Jesus disse: ‘Felizes aqueles que foram perseguidos em seus corações: eles são aqueles que verdadeiramente chegaram a conhecer o pai. Felizes aqueles que são famintos, que o estômago da pessoa em privação possa ser satisfeito’”. Outro paralelo encontramos em *Didake*. A respectiva obra (a primeira parte) poderia ser datada em um período não muito distante à composição da obra de Mateus, e aí encontramos uma referência às bem aventuranças: *Didake* III, 7: “Seja manso, porque os mansos receberão a terra como herança” (STORNILO; BALANCIN, 2002, p. 6).

AS BEM AVENTURANÇAS

INTRODUÇÃO

Depois de traçar um perfil geral do Sermão da Montanha em Mateus, apontar à possibilidade de algumas fontes dos ditos das bem aventuranças e mencionar alguns paralelos intertestamentários, nos aproximaremos, agora, ao texto das Bem Aventuranças (Mt 5,1-12), que encontrará seu paralelo em (Lc 6,20-23).

As Bem Aventuranças se constituem como anúncio da felicidade. Segundo Jacques Dupont “as bem aventuranças é uma fórmula de felicitações, que encontramos muitos exemplos nos evangelhos, como em Lc 1, 45; Lc 11, 27-28; Mt 11, 6, etc. Não se trata de um desejo ou de uma promessa. Se constata a felicidade e se proclama” (DUPONT, 1993, p. 7) As bem aventuranças também é um tema presente na tradição veterotestamentária. Daniel J. Harrington diz que



A bem aventurança é uma forma literária comum no livro veterotestamentário dos Salmos. Ali pessoas ou grupos são declarados bem-aventurados ou felizes (cf. Sl 1, 1; 32, 1-2; 41, 1; 65, 4; 84, 4-5; 106, 3; 112, 1; 128, 1). As bem aventuranças mateanas diferem dos modelos veterotestamentario em suas referencias ao Reinado dos céus que está próximo e à inversão de valores humanos que o acompanham (BERGANT; KARRIS, 1999, p. 18).

LEITURA DE CONJUNTO E ALGUMAS DEFINIÇÕES

Harrington oferece uma possibilidade de leitura de conjunto das bem aventuranças mateana.

O primeiro conjunto de bem-aventuranças (v. 3-6) proclama felizes os pobres de coração (espírito), aqueles cuja condição exige total confiança em Deus), os que choram, os mansos e os que tem fome e sede de justiça. Sua felicidade é, em grande parte, futura, mas também se estende ao tempo presente. Vivendo os valores do Reino dos céus aqui e neste momento, antecipam e compartilham a felicidade. O segundo conjunto de bem aventuranças (v. 7-10) também culmina com uma referencia à justiça, exatamente como o primeiro conjunto (cf. o v. 6). Aqui é pronunciada uma benção sobre os misericordiosos, os de coração puro, os que agem em favor da paz e os perseguidos por causa da justiça. A última bem aventurança (v. 11-12) desenvolve o tema da perseguição por amor a Jesus e relaciona isso à perseguição sofrida por alguns profetas do Antigo Testamento (BERGANT; KARRIS, 1999, p. 18).

Carter, citando a K. C. Hanson “relaciona as bem-aventuranças aos importantes valores de honra e vergonha. Esses valores afirmam condições e comportamentos que Deus enxerga como honrosas ou estimadas e que devem ser praticados pela audiência” (CARTER, 2002, p. 178). Seguindo, Carter afirma que “as bem-aventuranças reconfortam aqueles que já experimentam as circunstâncias ou manifestam o comportamento particular que o favor de Deus é ou será sobre eles” (CARTER, 2002, p. 178).

Segundo Carter, estas quatro bem-aventuranças (5, 3-6), influenciado por Is 61,

Descrevem não qualidades pessoais, mas situações de aflição ou infortúnio, que são honradas ou estimadas porque o reinando de Deus as revoga. As primeiras quatro bem-aventuranças criticam a tribulação política, econômica, social, religiosa e pessoal que resulta da elite poderosa que aprimora sua posição à custa dos demais. As quatro restantes, e a explicação elaborada nos vv. 11-12, se interessam por ações humanas que, inspiradas pela experiência do reinado de Deus nos vv. 3-6, são honradas ou estimadas porque expressam o reinado transformante de Deus até a consumação dele por Deus. Fundamental para todas as bem-aventuranças é o estabelecimento da justiça ou retidão de Deus (CARTER, 2002, p. 178-179).

POSSÍVEL ESTRUTURA

Uma leitura mais estruturada e delineada das bem aventuranças mateana encontramos na dissertação de mestrado por Paulo Roberto Garcia (*As Bem-Aventuranças em Mateus*. Uma proposta de estrutura literária, 1995).

Este apresenta as bem aventuranças mateana da seguinte forma: “Oito bem-aventuranças divididas em dois grupos.” Citando a Betz (1985): “O agrupamento final ocorreu quando o evangelista alinhou sua tradição com Is 61, 1-3. Ele aparentemente juntou 5, 10, mudou a ordem da segunda e terceira (5, 4, 6; cf Lucas) e expandiu 5, 3 e 5, 6. Este trabalho resultou em dois grupos de quatro bem aventuranças (5, 3-6; 5, 7-10). O primeiro começando com a mesma alusão a Isaias 61, 1-3 (cf. 5,3) e o segundo concluindo com a alusão (cf. 5, 10). Além do mais, a primeira bem aventurança de cada grupo concluiu com uma referência específica para *dikaiosinen*: ‘justiça, retidão’ (Mt 5, 6,10).” Para Paulo Garcia, esse arranjo em duas seqüências de quatro dá a cada seqüência um sentido diferenciado. Teríamos uma divisão de dois grupos de quatro, um grupo atentando para os obstáculos enfrentados pela vida cristã, e o outro grupo para a ética de vida desses que enfrentam esses obstáculos.

Também se poderia definir esse conjunto ou arranjo nas bem aventuranças mateana (5, 3-10) a partir de uma estruturação quiástica, que podemos visualizar assim:

v. 3, 4, 5 conformando um bloco com seu correspondente A, B, C; v. 8, 9, 10 conformando o seguinte bloco com seu correspondente C', B', A', tendo como centro os versículos 6 e 7 com seu correspondente D e D'. Sendo assim, a pericope abre e fecha com o Reino dos céus como promessa. A partir desta moldura temos outras molduras internas que centram a atenção nos versículos 6 e 7, centro da estrutura (GARCIA, 1995, p. 47-48).

EM RELAÇÃO A LUCAS

As oito bem aventuranças mateanas apresentam diferenças notáveis em relação a Lucas. Jerome Kodell apresenta alguns elementos de diferenciação:



A melhor explicação é que os dois evangelistas receberam um núcleo comum de material da tradição predicante, parte do qual já fora adaptado por diversas comunidades cristãs, e depois o modificaram conforme as necessidades de seus leitores. As bem aventuranças de Lucas correspondem às primeira, quarta, segunda e oitava da lista de Mateus, mas com variações significativas. As bem aventuranças de Mateus sugerem o que os discípulos de Jesus deveriam ser, em quanto as de Lucas descrevem o que eles realmente são (BERGANT; KARRIS, 1999, p. 83).

Nas palavras de Segundo Galilea “Mateus não se refere tanto a ‘quem’ é bem-aventurado, mas sim ‘como’ é bem-aventurado. Mateus ressalta as atitudes evangélicas do seguidor de Jesus e apresenta um programa de vida cristã. As bem-aventuranças de Mateus indicam um estilo de vida, um modelo de espiritualidade evangélica no mundo” (GALILEA, 1980, p. 77-78).

VISUALIZAÇÃO DO TEXTO DE MT 5, 1-12

Estaremos usando uma tradução direta do Novo Testamento Grego o *The Greek New Testament* (1994). Este trabalho é realizado de acordo com os exercícios de traduções efetuados em sala de aula. Os comentários e paralelos das Bem Aventuranças de Mateus com relação a Lucas e outras fontes já o fizemos, com muitas limitações no decorrer deste trabalho. Uma possível estrutura, como menção teórica nos ofereceu Paulo Garcia. Aqui apresentaremos o texto traduzido de Mateus 5, 1-12 e, a partir de Ulrich Luz, mostraremos algumas variantes exegéticas que poderão enriquecer nossa leitura e re-leitura do respectivo texto.

TRADUÇÃO

v.1. Vendo pois as multidões, subiu para a montanha, e sentado ele se aproximaram a ele os discípulos dele:

v.2. E abrindo a boca dele ensinava-lhes dizendo,

v.3. Felizes os pobres no (em o) espírito, porque deles é o reino dos céus.

v.4. Felizes os aflitos (os que choram), porque eles serão consolados.

v.5. Felizes os mansos, porque eles herdarão a terra.

v.6. Felizes os famintos (os que tem fome) e sedentos (os que tem sede) de justiça, porque eles serão alimentados.

v.7. Felizes os misericordiosos, porque eles serão misericordiadados.¹

v.8. Felizes os puros no (em o) coração, porque eles a Deus verão.

v.9. Felizes os pacificadores, porque eles filhos de Deus serão chamados.

v.10. Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

v.11. Felizes sois quando a vos insultem e persigam e digam toda maldade contra de vós mentindo por causa de mim.

v.12. Alegrai-vos e regozijai-vos porque o salário vosso muito é nos céus; deste modo, de fato perseguiram aos profetas antes de vós.

COMENTÁRIO E ANÁLISE DO TEXTO

Os versículos iniciais apresentam dois grupos que se constituem como destinatários das Bem Aventuranças. Trata-se das multidões (τους ὄχλους) e dos discípulos (οἱ μαθηταί). Jesus vê (vendo) as multidões e logo vem a ação de subir à montanha (ἀνεβη εἰς τὸ ὄρος). Como já mencionamos antes, a montanha tem uma longa tradição veterotestamentária, como lugar da revelação de Deus. Seu termo correspondente em hebraico a הַר (har), que significa colina, outeiro, monte, montanha. Segundo E. John Hamlin², “a antiguidade, a majestade, o poder e a altura das montanhas que se erguiam até o céu, acima das nuvens, naturalmente levou os homens a associá-las aos deuses. O AT usa montanhas com conotações teológicas de pelo menos quatro modos diferentes. Primeiro, o Senhor é maior que as montanhas (Sl 65,6[7]; 90,2; 83,14[15]; 104,32; Is 40,12; 41,15; 40,4; 45,2; 49,11; 1 Rs 19,11; Hc 3,6; Dt 32,22; Mq 1,4; Jó 9,5). Segundo, as montanhas são símbolos de poder (Jr 51,25, Zc 4,7; Dn 2,44). Terceiro, o Senhor

¹ Misericordiadados: optamos por essa palavra para preservar a construção verbal (verbo no futuro do indicativo, voz passiva e terceira pessoa do plural).

² Veja-se mais detalhes em HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Bibliografia: HAMLIN, E. John: “The meaning of mountains and hills in Isa 41, 14-16, Jnes, 13, 185-90. - TDNT v. 5, p. 479-83.” São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 517-518



dá ao seu povo um sentido de sua proximidade escolhendo montes para sua adoração e revelação (Ex 17,9; 1 Rs 18,42; 3,4; Dt 11,27; 27,12; Js 8,33; 5,3; Gn 22,2; 1 Sm 9,12; 7,1; 2 Sm 6,3). Acima de tudo e de todos, porém, o Senhor escolheu a Sinai e Sião como os lugares onde se revelaria. Quarto, empregando a imagem das nações vizinhas, o AT denota a morada divina por referência à montanha do extremo norte (Sl 48,2; Is 14,12; Ez 28,11-19”). No NT temos a montanha, segundo o Evangelho de Mateus, como lugar de oração em Mt 14,23; de curas Mt 15,19; de revelação Mt 17,1; 28,16 e de ensino Mt 24,3. Como vemos o “lugar” onde Jesus se encontra, junto às multidões e seus discípulos tem muita relevância para o desenvolvimento posterior da narrativa. Jesus toma uma postura de mestre, isto é, está sentado (καθισαντος). Essa postura encontrará sua ação correspondente no versículo dois, isto é, quando ele abre sua boca e ensina (και ανοιξας το στομα αυτου επιδασκεν αυτους). Mateus põem de destaque a alusão à história fundamental de Israel e da tradição veterotestamentária. Deus se manifesta agora (montanha) através de Jesus como se manifestou outrora no monte Sinai. Cabe analisar, porém a relação das Bem Aventuranças com as leis de Moisés. Porém, esta não é a nossa intenção.

A primeira Bem Aventurança situa os “pobres em (no) espírito” (oi πτοχοι τω πνευματι) como aventureiros na promessa do Reino dos Céus. Segundo o termo grego πτοχος se trata do pobre, depreciável, sem valor (ver Gal 4,9). Significa a total dependência da sociedade. “Na LXX, esse termo ocorre, mais ou menos 100 vezes, se emprega para as seguintes cinco palavras em hebraico: 37 vezes a “`ãni”(pobre, aflito, indigente, necessitado, campo econômico-social); 22 vezes a “dal”(pobre, falta, necessitado, classe humilde, sem meios, apesar de não enfatizar dor nem opressão); 11 vezes a “`ebyôn”(estado de privação, pobre, necessitado, sem dinheiro ou recursos. Pobre no sentido material do termo) e 11 vezes a “rãsh”(fraco). Πτοχος ocorre 34 vezes no NT, mormente nos Evangelhos. Πνευμα significa espírito, ser interior, disposição, estado mental, experiência de

Deus”.³ O dativo que rege a frase *οι πτοχοι τω πνευματι* possibilita uma tradução que pode concentrar o conteúdo de “pobre” no “estado de Espírito.” Não o pobre como um adjetivo do espírito, mas como uma atitude ou postura que emana do espírito por sua disposição e que se situa num espaço mais além do individual. Ulrich diz que

é certo que a palavra ‘pobre’ não designa em linguagem semita unicamente àqueles que carecem de dinheiro, mas sim, em um sentido mais amplo, aos oprimidos, miseráveis e humilhados, mas em nenhum caso unicamente um determinado tipo de religiosidade, nem unicamente uma pobreza interior desligada das circunstâncias externas (LUZ, 1993, p. 286).

A promessa do Reino dos céus da primeira Bem Aventurança (no presente) aos pobres em espírito aparecerá na oitava Bem aventuranças como promessa aos perseguidos por causa da justiça (no presente). Assim que, é bastante claro a relação entre a justiça (*δικαιοσυνης*) e pobre (*πτοχος*) para a consolidação do Reino de Deus na historia.

A segunda Bem Aventuranças se refere aos “aflitos” (os que choram) que num futuro serão consolados. A tristeza ou aflição poderia ser causada por qualquer situação real deste mundo que poderia ser substituída no futuro, porém motivado pelo presente de aflição experimentada.

A terceira Bem Aventurança apresenta os mansos (*πραεις*: humilde, gentil) que herdarão a terra. Segundo Ulrich, “os mansos possuirão a terra, e não só o país de Israel, pois a promessa tradicional sobre a terra havia sido transposto até o cósmico, mas não até o mais além, já que a promessa da terra deixa claro que o reino dos céus implica uma renovação deste mundo” (LUZ, 1993, p. 293).

As promessas da segunda, quarta, quinta e sétima Bem Aventuranças se encontram no futuro passivo. Isto é, trata-se dos verbos no futuro do indicativo, na voz passiva, terceira pessoa do plural: serão consolados, serão alimentados, serão misericordiadados, serão chamados filhos de Deus. Significa que aos sujeitos (aflitos, ou os que choram [*πενθουντες*], famintos [*πεινωντες*], misericordiosos

³ Definições de acordo com: SHOKEL, Luiz Alonso: **Dicionario Biblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulos, 1997; R. Laird Harris: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.”



[ελεημονες] e fazedores da paz [ειπηνοποιος: designa algo ativo e não meramente uma disposição à paz]) se lhes garantem, desde o presente, o premio no futuro. Isto é distinto na primeira e na oitava Bem Aventurança, onde a recompensa do reino dos céus já está no presente (αυτων εστιν η βασιλεια των ουρανων).

Entre as promessas do “futuro passivo” encontramos a sexta Bem Aventurança. Trata-se dos “puros de coração”: (οι καθαποι τη καρδια) e a promessa (sistema de futuro, voz média, terceira pessoa do plural, no acusativo, τον θεον οφονται) que verão a Deus. Ulrich diz que

Limpo de coração ou de coração limpo é uma expressão judaica que procede da espiritualidade veterotestamentária dos Salmos (Sl 23,4; 50,12; 73,1; [texto Hebraico]). O ‘coração’ designa, em linguagem judaica, o centro do querer, pensar e sentir humano. A promessa tem sentido escatológico, como nas restantes das Bem Aventuranças. O judaísmo, como o cristianismo primitivo, espera que Deus possa ser contemplado cara a cara no *esjaton*. Então desaparecerá a distancia e o enigma de Deus. A visão de Deus que se dá ao espírito, ao coração purificado não acontecem somente pelos propósitos e vontade humana, mas mediante a ajuda de Deus. E Além da possibilidade de ver já a Deus indiretamente nesta vida, há sempre em toda a tradição exegética a esperança da visão definitiva para aqueles que se submergem em Deus” (LUZ, 1993, p. 296).

A *nona* Bem Aventurança, que se estende da *oitava*, especifica a perseguição por causa da justiça (οι δεδιωγμενοι ενεκεν δικαιοσυνης), isto é, pode se referir aos que cometem a ação (Eles: presente do subjuntivo, terceira pessoa do plural): quando insultem, quando persigam, quando digam toda a maldade). Porém, ao mesmo tempo, realçando os sujeitos que sofrem a ação (pronome pessoal plural ου: no caso acusativo [insultem, persigam a vós] e no caso genitivo [digam toda maldade e mentiras de vós]). A alegria e o regozijo são imperativos nas atitudes dos sujeitos que sofrem a ação nos versículos 11 e 12 das Bem Aventuranças, colocando pela terceira vez, no presente, a recompensa no céu, como na primeira e a oitava Bem Aventuranças.

Quanto a referencia aos profetas perseguidos (Mt 5,12), podemos encontrar um forte paralelo em Mt 23,31-32, nas sete maldições contra os escribas e os fariseus: “Com isso testificais, contra vós, que sois filhos daqueles que mataram os profetas. Completai, pois, a medida dos vossos pais.” A referencia aos perseguidos, nas Bem Aventuranças de Mateus, encontra seu

paralelo também em Lucas 6,23b. Entretanto, em Lucas temos a impressão de que Jesus estaria já dialogando com os “filhos daqueles que mataram os profetas”, como em Mt 23,31-32; porém diferentemente de Mt 5,12b (perseguiram os profetas antes de vós). Segundo Ulrich, “Lucas 6,23b poderia estar se referindo aos profetas do AT enquanto Mateus 5,12b fala como Q, isto é, da perseguição dos ‘profetas anteriores a vós’” (LUZ, 1993, p. 301). Os profetas itinerantes revestem uma certa importância em Mateus. Isso é constatável em Mateus 10,41; 23,34-37. Tratando-se da tradição dos profetas itinerantes no NT podemos encontrar seu paralelo em Didaquê XI, quanto aos apóstolos e profetas itinerantes.

Como vemos a profecia exerceu lugar privilegiado na Bíblia e passou um longo processo de re-significação na história. Muitas re-leituras do AT são feitas no NT de acordo com a tradição profética, porém é possível encontrar um novo estilo de profecia mais em sintonia com a missão itinerante do primeiro cristão, e mais vinculado com a vida das comunidades. Sendo assim, não é difícil inferir que, a partir da oitava Bem Aventurança (Mt 5,10-12) se tratasse da vida da própria comunidade mateana desde os signos proféticos vivenciados em “nome de Jesus”, e por isso mesmo perseguidos, insultados e blasfemados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As *Bem Aventuranças* em Mateus oferecem à comunidade receptora a possibilidade de viver a plenitude do projeto de Jesus Cristo, onde, a partir do seu contexto histórico-humano pode-se viver as virtudes do Evangelho. A felicidade consiste, então, em acreditar na promessa de ser consolado, de receber por herança a terra, de ser saciado, de alcançar a misericórdia, de ver a Deus e de ser chamados filhos de Deus. Essa esperança escatológica é parte inerente do presente, pois a promessa do “Reino dos Céus” para eles se realiza no “hoje da comunidade”, apesar das perseguições e das calúnias experimentadas. As Bem Aventuranças no sermão da montanha se constitui como uma diretriz ética, onde os discípulos e a multidão estão convidados a observar e viver no cotidiano da vida. Na “montanha” esses ensinamentos encontrarão sua legitimação, e a partir



do momento em que Jesus “abre sua boca e começa a ensinar” se estabelece um “novo tempo”, isto é, um “kairós” para a comunidade.

ABSTRACT

The Beatitudes in Mathew offers to the receiving community the opportunity to live the fullness of the project of Jesus Christ, which, from its historical and human context can live the virtues of the Gospel. Happiness lies in believing in the promise to be comforted, to receive the land as an inheritance, to be satisfied, to achieve mercy, to see God and be called children of God. This eschatological hope is an inherent part of the present, because, for them, the promise of the "Kingdom of Heaven" takes place in "today's community," despite of the experiences of the persecution and slander. Therefore, the Beatitudes in the Sermon on the Mount, is presented as a catalog of virtues to the "subject" poor and dispossessed, humble and those who mourn, who hunger and thirst for righteousness, who are persecuted and who are peacemakers. The virtues are constituted as the beatitudes or happiness, and the promise is the Kingdom of Heaven, comfort, land and justice.

Keywords: Beatitudes. Sermon on the mount. Happiness. Compassion. Justice.

REFERÊNCIAS

BERGANT, Diane; KARRIS, Robert J. (organizadores). **Comentários Bíblicos**. São Paulo: Loyola, 1999.

BETZ, Hans Dieter. **Essay on the Sermon on the mount**. Philadelphia: Fortress Press, 1984.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CARTER, Warren. **O Evangelho de São Mateus**. Comentário Sócio-político e Religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2002.

DUPONT, Jacques. **El Mensaje de las Bienaventuranzas**. Estella: Verbo Divino, 1993.

FLUSSER, David. **O Judaísmo e as Origens do Cristianismo: Os Manuscritos do Mar Morto e o Novo Testamento**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

GALILEA, Segundo. **A Igreja das Bem-Aventuranças**. São Paulo: Paulinas, 1980.

GARCIA, Paulo Roberto. **As Bem-Aventuranças em Mateus**. Uma proposta de estrutura literária. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1995.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

JEREMIAS, J. **O Sermão da Montanha**. São Paulo: Paulinas, 1976.

LA SANTA BIBLIA. Revisión de 1960. Nashville, Tennessee: Broadman & Holman Publishrs, 1994.

LUZ, Ulrich. **El Evangelio segun San Mateo: Mt 1-7**. Salamanca: Sigueme, 1993.

OVERMAN, J. Andrew. **O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus**. São Paulo: Loyola, 1997.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: 2003.

SCHOKEL, Luis Alonso. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997, 800p

STORNILO, Ivo; BALANCIN, Euclides. **Didake: Instrução dos Doze Apóstolos**. São Paulo: Paulus, 2002.

SWETNAM, James. **Gramática do Grego do Novo Testamento**. Vol I e II. São Paulo: Paulus, 2002.

THE GREEK NEW TESTAMENT. Fourth revised edition, 2nd print: Deutsche Bibelgesellschaft, D-Stuttgart, 1994.